

Norma padrão versus norma culta: o uso dos pronomes átonos de terceira pessoa ‘o(s)’ e ‘a(s)’ como objeto indireto no português brasileiro

Standard language versus cultured language:
third-person unstressed object pronouns ‘o(s)’ and ‘a(s)’
used as indirect objects in Brazilian Portuguese

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5iespecial.25544>

Ana Paula Antunes Rocha

Graduada e mestra em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora. É doutora em Letras pela PUC-Rio. Realizou estágio pós-doutoral em Letras Vernáculas na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é professora efetiva do Departamento de Educação do Instituto de Educação de Angra dos Reis, da Universidade Federal Fluminense.

E-mail: ap.rocha@ymail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4775-4710>

RESUMO

Nem sempre norma padrão e norma culta coincidem. Faraco (2008) propõe uma divisão entre ambas: a primeira refere-se a um conjunto de normas estipuladas e determinadas por instâncias normatizadoras, como a gramática tradicional; a segunda, por sua vez, refere-se a um conjunto de normas efetivamente usadas pelos falantes considerados cultos numa dada sociedade. No que tange ao uso dos pronomes pessoais, este texto elenca exemplos, retirados de fontes escritas que usam a norma padrão, nos quais, a despeito das regras gramaticais tradicionais, as formas “o”, “a” e suas variações encontram-se empregadas na função de objeto indireto. Se as fontes das quais os exemplos foram retirados usam corriqueiramente o português padrão e são, ao mesmo tempo, produzidas por usuários letrados do português, pode-se suspeitar que os pronomes em pauta não vêm sendo usados no português culto segundo as prescrições do padrão. Trata-se de um fenômeno digno de pesquisa linguística. Neste texto (anotações iniciais de pesquisa), pretende-se apresentar a questão e propor uma investigação sobre ela.

Palavras-chave: Norma culta. Norma padrão. Português escrito. Pronomes oblíquos átonos. Objeto indireto.

ABSTRACT

The concepts of standard language and cultured language do not always overlap. Faraco (2008) claims there is a distinction between them: the former corresponds to a set of norms prescribed and determined by regulatory institutions, such as the traditional grammar, while the latter corresponds to a set of norms which are actually used by those speakers who are considered to be cult in a given society. Concerning Brazilian Portuguese personal pronouns, in this paper, some examples from standardized written language sources are selected. In these examples, in spite of traditional grammar's predicting rules, the forms “o” (him), “a” (her), and their variations are used as indirect objects. If standard language is usually employed in the sources of these examples, and, at the same time, if these sources are produced by lettered Portuguese speakers, then we may suspect that the analysed pronouns are not being used in cultured Brazilian Portuguese according to the expected prescriptions. Thus, this phenomenon deserves to be linguistically addressed. In this paper (research preliminary remarks) we aim at presenting this issue and posit an investigation for it.

Keywords: Cultured language. Standard language. Written Portuguese. Unstressed oblique pronouns. Indirect object.

Introdução

A Sociolinguística já mostrou que, entre norma culta e norma padrão, nem sempre há coincidência e que ambas se influenciam mutuamente. Sobre o assunto, Faraco (2008) tece várias discussões à luz, mais especificamente, do português brasileiro. Enumera alguns pontos que evidenciam diferenças entre ambas, como ocorre tanto com algumas regências verbais e concordâncias verbais quanto com a colocação pronominal de um modo geral.

De forma simplificada, pode-se dizer que a norma culta é o conjunto de regras usadas pelos falantes cultos e que norma padrão é o conjunto de regras prescritas por instâncias referendadas socialmente, como as gramáticas tradicionais. Definir uma e outra não é tarefa fácil, a começar pela dificuldade de se saber o que é um falante “culto” e de se saber que ou quem pode determinar as regras do padrão. Além disso, há ainda as diferenças entre fala e escrita.

Os pronomes do português, como acontece também com os de outras línguas, têm sofrido mudanças desde o latim. Se essa classe de palavras parece, num primeiro momento, pouco afeita a mudanças, como se infere pelo fato de ser a única classe do português que ainda conserva o sistema de casos das declinações latinas, mostra-se também, por outro lado, sujeita frequentemente à variação linguística. Além disso, pode ser estudada por diferentes enfoques, tamanha a multiplicidade de características que apresenta. A colocação pronominal, por exemplo, tem despertado interesse tanto de gerativistas quanto de sociolinguistas. Já os pronomes de tratamento, parcamente explorados nas gramáticas tradicionais, vêm fomentando muitas pesquisas, inclusive no âmbito da Pragmática.

Em meio a tantos fenômenos e abordagens possíveis, aqui se propõe um roteiro de estudo para a variação que vem ocorrendo no uso de *lhe* versus *o(s)/a(s)*. Os dados apresentados dizem respeito exclusivamente aos oblíquos *o/a*, mas uma investigação futura terá que cotejar, com método adequado, o uso desses oblíquos com o do *lhe(s)*.

1. O quadro de pronomes pessoais do português segundo a norma padrão

O quadro a seguir, retirado de Cunha e Cintra (1985), apresenta os pronomes pessoais do português segundo a norma padrão:

		PRONOMES PESSOAIS RETOS	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS NÃO REFLEXIVOS	
			ÁTONOS	TÔNICOS
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela
Plural	1ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

1.1 A função dos pronomes oblíquos de terceira pessoa

Com relação à função sintática dos pronomes pessoais, as gramáticas tradicionais informam, via de regra, que os do caso reto exercem função de sujeito e os do caso oblíquo, função de complemento verbal.

Já com relação especificamente aos pronomes oblíquos *o*, *a* e suas variações de forma (*lo*, *la*, *noe na*) e número, por um lado, e, por outro lado, a *lhe* e seu plural, as gramáticas exemplificam o uso dos primeiros por meio de frases em que eles funcionam como objeto direto; já o *lhe* aparece com função de objeto indireto.

Cegalla (1994, p. 486-487) distingue claramente os dois grupos de pronomes: os primeiros “empregam-se como objetos diretos”; já “*lhe*, *lhes* usam-se como objetos indiretos”.

Outros autores não fazem essa distinção com tanta clareza, mas a referendam ainda que indiretamente.

Rocha Lima (1972, p.111) afirma que os pronomes do primeiro grupo “empregam-se em substituição a um substantivo que, sem vir precedido de preposição, completa o regime de um verbo” e que “as formas *lhe*, *lhes* representam substantivos regidos das preposições *a* ou *para*”.

Cunha e Cintra (1985), referindo-se à colocação dos pronomes na frase, mencionam que os do primeiro grupo descrito acima têm função de objeto direto.

2. Exemplos de uso do *o/a* como objeto indireto

A seguir serão apresentados exemplos, retirados de fontes que tradicionalmente usam a norma padrão, nos quais o objeto indireto está ocupado por um pronome cuja função é, segundo as gramáticas normativas, a de objeto direto.

- (1) “O desempenho de Marina cresceu absurdamente, muito pelo fato de o nome dela estar tão à frente nas pesquisas. Isso a conferiu uma segurança e uma autoconfiança muito maior. O semblante dela mostra isso”, disse Aurea, que acrescentou como pontos a melhorar o tom de voz e os gestos da socialista. “Ela poderia exercitar a alternância de tom. O tom de voz e a melodia são sempre os mesmos. Isso pode cansar o ouvinte, assim como os gestos. Ela usa sempre o mesmo gesto”.

(Fonte: <<http://www.correiodopovo-al.com.br/index.php/noticia/2014/09/02/o-que-os-gestos-e-expressoes-revelam-sobre-dilma-e-marina-no-debate>>. Acesso em: 13 maio 2019.)

O “a” grifado acima (exemplo 1) está fora da norma padrão. Substitui o objeto indireto de “conferir”, o que exigiria o uso de “lhe” ou mesmo de “a ela”. Destaque-se que a falante da frase é descrita na matéria como “consultora de media training”, conforme texto original reproduzido na nota de rodapé¹ para que se entenda o contexto, e que o jornal onde o texto se encontra é produzido em Alagoas, tendo representatividade no estado e circulação nacional”. Se a fala reportada não tiver sido exatamente como consta transcrita na matéria, então mais ainda se evidencia o uso do oblíquo *a* como objeto indireto por parte de um redator considerado culto, já que qualquer alteração na fala original terá sido feita pelo jornalista responsável pela matéria.

¹ “Os embates entre as candidatas à Presidência da República Dilma Rousseff (PT) e Marina Silva (PSB), que lideram a corrida eleitoral, dominaram o debate realizado por UOL, Folha, SBT e rádio Jovem Pan nesta segunda-feira (1º), em São Paulo. De um lado, a petista que escorregou na “arrogância”. Do outro, a socialista que não conseguiu se livrar dos seus tradicionais “discursos cansativos”.

Essa foi a avaliação da consultora de media training Aurea Regina de Sá e da fonoaudióloga e doutora em linguística Claudia Cotes, que comentaram a desenvoltura das candidatas diretamente dos estúdios do UOL, em bate-papo com o colunista Josias de Souza e com o blogueiro Maurício Stycer.

“O desempenho de Marina cresceu absurdamente, muito pelo fato de o nome dela estar tão à frente nas pesquisas. Isso a conferiu uma segurança e uma autoconfiança muito maior. O semblante dela mostra isso”, disse Aurea, que acrescentou como pontos a melhorar o tom de voz e os gestos da socialista. “Ela poderia exercitar a alternância de tom. O tom de voz e a melodia são sempre os mesmos. Isso pode cansar o ouvinte, assim como os gestos. Ela usa sempre o mesmo gesto”.

Já a presidente Dilma Rousseff, segundo Aurea Regina de Sá, é o oposto de sua principal adversária política. “Essa artificialidade que a imagem dela passa aparece em qualquer fala, seja de improviso, seja com um roteiro na mão ou não. O que [ela] precisa é criar uma imagem um pouco mais natural”, diz. A fonoaudióloga Claudia Cotes apontou ainda a expressão corporal como o principal ponto negativo da petista. “Transmite arrogância”, diz ela, que acrescenta: “Ela tem gestos repetitivos e rápidos. E as expressões faciais são de mau humor. Parece que ela esqueceu o sorriso”.

Vejamos mais um exemplo:

- (2) “Christina Delassalle (Vera Clouzot) é casada com o sádico Michel Delassalle (Paul Meurisse). Rigoroso diretor do colégio que a pertence, ele frequentemente a humilha, maltrata alunos e funcionários e é odiado por todos. Em uma improvável parceria, Christina e Nicole (Simone Signoret), amante de Michel, decidem matá-lo e na sequência jogam o cadáver na imunda piscina da escola. Uma limpeza acontece, mas nenhum vestígio do corpo é encontrado e o mistério leva as duas mulheres à loucura.”
(Fonte: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-3732/>>. Acesso em: 13 maio 2019.)

Assim como no exemplo 1, o “a” grifado na resenha acima (exemplo 2) deveria, segundo a norma padrão, ser substituído por “lhe” ou por “a ela”, haja vista ser o objeto indireto do verbo “pertencer”. A fonte do texto é um site especializado em crítica de cinema, que costuma empregar a norma padrão na redação de seus textos.

- (3) “A vizinhança afirma que o escândalo aconteceu por volta das 5h e durou pelo menos 50 minutos. Testemunhas relataram que, depois de brigar com o companheiro, a mulher saiu do carro sem roupa nenhuma. Ela ainda exigia que o homem a entregasse as chaves do carro.”
(Fonte: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2014/04/mulher-nua-faz-escandalo-em-rua-e-incomoda-moradores-em-goiania.html>>. Acesso em: 13 maio 2019.)

Sendo objeto indireto de “entregar”, o “a” acima (exemplo 3) deveria ser substituído por “lhe”. Destaque-se a fonte do texto: um jornal de grande circulação e prestígio nacional.

- (4) “Bilionária brasileira doa 88 mil a Notre Dame e 0 ao Museu Nacional. Essa é nossa ‘elite’ e o que sente pelo país que os deu tudo”.
(Fonte: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/04/17/museu-nacional-doacoes-catedral-de-notre-dame.htm>>. Acesso em 13 maio 2019.)

O trecho acima (exemplo 4), embora tenha sido originalmente publicado na página do FaceBook de um comentarista político e professor universitário, foi replicada pelo UOL justamente por se tratar de um comentarista que, além de ser seguido por milhares de pessoas – com alto grau de letramento em sua maioria –, assina textos e artigos em vários sites conceituados no país. Apesar de ser um redator experiente, com alto grau de letramento e, portanto, segundo os critérios de Faraco (2008) já descritos, um falante culto, usou “os” no lugar de “lhe”, gerando um problema não só sintático quanto à escolha do pronome, mas também de concordância tanto de número quanto de gênero.

Considerações finais

Os dados apresentados e comentados acima demonstram que o uso de *o/a* como objeto indireto, embora prescritos como objetos diretos, ocorre mesmo em textos caracterizados como expressões da norma culta. Um *corpus* robusto, montado de forma criteriosa, poderá mostrar a frequência com que isso acontece, bem como mostrar outras variáveis que influenciem nesse uso, como o gênero textual e discursivo.

É importante investigar também as motivações da variação que ocorre entre norma padrão e norma culta neste caso: certamente essas motivações não poderão ser observadas sem que se considere a variação entre *o/a* e outros pronomes, dos quais se destaca o *lhe*, ao qual, pela norma padrão, cabe a função completiva para verbos transitivos indiretos.

Parece que o falante e redator cultos identificam o *lhe* como sendo apenas de segunda pessoa e que a referência à terceira pessoa deve ser feita por *o/a*. No caso, o falante e redator cultos parecem considerar o *lhe* como sendo de segunda pessoa independentemente da função sintática (se objeto direto ou indireto) e usam a mesma regra para *o/a*, que seriam de terceira pessoa, como objetos diretos ou indiretos. Se é isso o que ocorre, então essa especialização de pessoa do discurso atribuída a cada um desses pronomes parece ser uma forma que o falante teria encontrado para resolver parte das ambiguidades trazidas pela entrada do *você* no quadro dos pronomes pessoais. Destaque-se que a gramática tradicional aceita o *lhe* como objeto direto, embora *lhe* atribua prioritariamente a função de objeto indireto, porém não aceita essa dupla função para os pronomes *o/a*. Pelo menos por ora não consta qualquer tendência nas gramáticas tradicionais, nos manuais escolares nem nos manuais de redação de aceitação do uso de *o/a* como objetos indiretos. O uso frequente dessa forma por parte de falantes e redatores cultos poderá levar a uma mudança na norma padrão.

Uma vez que os pronomes pessoais vêm sendo estudados cada vez mais segundo a abordagem sociolinguística – com relação, por exemplo, à colocação na frase e à concordância nominal –, esperamos ter demonstrado aqui que a função sintática dos pronomes oblíquos também merece atenção, que deve ser estudada inclusive por uma abordagem que investigue as várias normas de uso do português e que não se pode ignorar que, entre as normas de uso, o padrão e o culto são normas distintas, embora coexistam historicamente numa relação contínua de mútua influência entre si. A realização de uma pesquisa nesses moldes será relevante não só para a descrição do quadro pronominal do português – o que, por si, já seria relevante e significativo –, mas também para a identificação de informações importantes à elaboração de materiais didáticos do português, até mesmo como L2.

Referências bibliográficas

- BEZERRA, Mirthyani. Baixas doações a Museu Nacional geram críticas e comparação com Notre-Dame. **Notícias UOL**, São Paulo, 17 abr. 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/04/17/museu-nacional-doacoes-catedral-de-notre-dame.htm>> . Acesso em: 13 maio 2019.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 37. ed. mel. ampl. São Paulo: Editora Nacional, 1994.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Felipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MULHER nua faz escândalo em rua e incomoda moradores em Goiânia. **G1**, Goiânia, 21 maio 2019. Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2014/04/mulher-nua-faz-escandalo-em-rua-e-incomoda-moradores-em-goiania.html>>. Acesso em: 13 maio 2019.
- REDAÇÃO. O que os gestos e expressões revelam sobre Dilma e Marina no debate. **Correio do Povo de Alagoas**, Alagoas, 2 set. 2014. Disponível em: <<http://www.correiodopovo-al.com.br/index.php/noticia/2014/09/02/o-que-os-gestos-e-expressoes-revelam-sobre-dilma-e-marina-no-debate>>. Acesso em: 13 maio 2019.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- SINOPSE e detalhes – As Diabólicas. [online]. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-3732/>>. Acesso em: 13 maio 2019.